

## EDITORIAL

Hoje, as instituições estão adotando a prática do trabalho cooperativo para resolver problemas complexos e produzir produtos inovativos; não só em relação às equipes de trabalho que podem incluir *experts* em redes de comunicações, analistas de sistemas, engenheiros de *software*, bibliotecários, especialistas na interação homem-máquina e usuários finais, mas também entre instituições diferentes. Dos exemplos brasileiros, a FAPESP pode encabeçar a lista de iniciativas no sentido, aqui específico, de interação entre universidade-empresa, principalmente, pequenas e médias empresas. Explorar teorias colaborativas, estratégias, aplicações, resultados e tecnologias orientam muitas discussões atuais. As dificuldades de se efetivar essas cooperações iniciam-se quando se pressupõe que os participantes devem explorar, integrar conhecimento e práticas de diversos domínios para se chegar a um entendimento do processo de trabalho e dos resultados desejados. Além disso, levar em conta também as experiências dos indivíduos, o domínio de uma língua específica, os diferentes padrões de trabalho, a cultura, as percepções de qualidade e sucesso, as restrições e as prioridades organizacionais.

As bibliotecas compartilham recursos há muito tempo, principalmente, através do uso do protocolo estruturado de empréstimo entre bibliotecas que regulamenta e formaliza uma intervenção da biblioteca com o usuário. Agora, o compartilhamento mediado pelos meios eletrônicos deverá ser a tônica dessas instituições no próximo século, envolvendo muitos dos outros processos das bibliotecas e por isso Transinformação privilegiou, nesse número, o tema Cooperação e Compartilhamento. Kryzanowski e Imperatriz apresentam soluções adotadas para o SIBi/USP em âmbito sistêmico com ações demons-

trativas dessa nova forma de trabalho. Seguem confirmando a experiência brasileira dois dos exemplos estrangeiros: Brown (EUA) e Jasmén (Chile).

O artigo de Lucas explora a figura dos profissionais da informação enquanto construtores de uma memória coletiva sem território e, portanto, globalizada concluindo que sua funcionalidade está no espaço que legitima, atualiza e organiza o imaginário da sociedade. Silva e Bufrem analisam aspectos relacionados às concepções de biblioteca do subjetivo e das subjetividades no discurso, passíveis de revelar o imaginário, as percepções, as contradições e a maneira como as pessoas adquirem o conhecimento.

Análise de autoria e participação feminina e masculina em artigos publicados na revista Coletânea do ITAL, o Instituto de Tecnologia de Alimentos em Campinas, revelam algumas particularidades da produção científica desse instituto (Pompêo de Carmargo). O grupo Lima, Vilela, Mendonça e Moreira estudam a produção científica em publicações de docentes de quatro unidades de ensino da PUC-Campinas, também quanto à autoria (individual e coletiva) e quanto à tipologia das publicações.

Destaca-se a pesquisa que Bastos do Carmo desenvolve na análise de indicadores de informação cujos resultados poderão fornecer subsídios para o gerenciamento de programas de qualidade total em pequenas empresas da Região de Campinas.

**Maria de Cleófas Faggion Alencar**  
Editora-responsável

cleo@aleph.com.br, cleo@acad.puccamp.br